



Veredas Atemática

Volume 22 – nº 2 – 2018

O encaixamento da mudança sintática em cartas pessoais de Santa Catarina: ordem do sujeito e objeto direto anafórico

Izete Lehmkuhl Coelho*
Cecília Augusta Vieira Pinto**

RESUMO: Objetivamos neste trabalho investigar se a mudança da ordem do sujeito estaria encaixada à mudança do objeto direto anafórico na escrita catarinense. Para tanto, são analisados os sujeitos e objetos diretos de terceira pessoa encontrados em três amostras de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. Assumimos os postulados da Teoria da Variação e Mudança de Weinreich, Labov e Herzog (1968), segundo os quais uma mudança se encontra encaixada a outra mudança, criando as condições linguísticas necessárias para que outras mudanças aconteçam. Nossos resultados mostram que o enrijecimento da ordem SVO em construções transitivas é acompanhado de mudança de um sistema de clíticos rico e produtivo para um sistema de objetos nulos.

Palavras-chave: Ordem verbo-sujeito; Clíticos; Terceira pessoa; Cartas pessoais; PHPB-SC.

Introdução

Neste trabalho¹ serão comparados resultados da análise de dois fenômenos sintáticos em variação e mudança na escrita catarinense dos séculos XIX e XX: a ordem do sujeito em relação ao verbo (SV/VS) e o preenchimento do objeto direto anafórico. Para que haja comparabilidade de análise serão investigados apenas os sujeitos e os objetos diretos de terceira pessoa. A correlação desses fenômenos parece fazer algum sentido quando olhamos para trabalhos que analisaram o percurso de mudança do português escrito no Brasil ao longo do

* Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de Produtividade do CNPq – 2

** Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina/Bolsista CAPES

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no XVIII Congresso Internacional da ALFAL, em Bogotá, em julho de 2017 (cf. XXX et al., 2017).

tempo (cf. KATO; TARALLO, 1988; TARALLO; KATO, 1989; TARALLO, 1993; TORRES MORAIS, 1993; RIBEIRO, 1995, 2001; KATO et al., 2006; BERLINCK et al., 2016).

Tarallo (1993), com o propósito de esboçar a emergência de uma gramática brasileira, que ao final do século XIX mostrava evidências claras de diferenças em relação à gramática portuguesa, aponta casos de mudanças sintáticas que criam as condições linguísticas adequadas para que outras mudanças aconteçam, de modo não acidental. Duas dessas mudanças interessam particularmente a este trabalho: a ordem do sujeito e a retenção e o apagamento do objeto direto anafórico.

A ordem do sujeito tem sido objeto de particular interesse dos estudos linguísticos no Brasil desde o final da década de 1980. Embora o português brasileiro (PB) seja considerado uma língua basicamente de sujeito-verbo-objeto (SVO), é bem sabido que a ordem VS também é possível em alguns contextos específicos. Até o século XIX o português teria mantido um padrão semelhante a outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano, com possibilidades relativamente livres de VS. A partir de então, mudanças na gramática do português escrito no Brasil teriam resultado no aumento das restrições à ordem VS, com alternativas relacionadas basicamente à monoargumentalidade (cf. LIRA, 1986; BERLINCK, 1988, 1989, 1995; COELHO, 2000, 2006; ZILLES, 2000; PILATI, 2002, 2006; SPANO, 2008; SANTOS, 2008; COELHO; BERLINCK, 2012; GRAVINA, 2014; BERLINCK; COELHO, 2018; entre outros).

Paralelamente a essa mudança da ordem do sujeito do português, observa-se também nesse mesmo percurso de tempo outro fenômeno sintático em variação e mudança, ligado à forma de realização do objeto direto anafórico. Estudos mostram que nesses últimos anos o português vem apresentando indícios de mudança de perda de um sistema clítico rico e de crescimento de um sistema de objetos nulos (cf. OMENA, 1978; DUARTE, 1989; CYRINO, 1993, 1997, 2003; MARAFONI, 2004; COSTA, 2011; VIEIRA-PINTO, 2015; VIEIRA-PINTO; COELHO, 2016; CREUS; MENUZZI, 2004; OTHERO; SCHWANKE, 2017; entre outros). Segundo Tarallo (1993), a mudança da ordem VS para SV provavelmente estaria encaixada à mudança do objeto direto anafórico. Conforme o autor, uma língua com um sistema de clítico produtivo deveria permitir uma maior liberdade de ordenação de seus constituintes na sentença, uma vez que sua função sintática ficaria evidente. Quando esse sistema é substituído por um sistema que comporta objeto nulo, a ordem dos argumentos selecionados pelo verbo deveria ficar mais enrijecida.

Esse quadro abre algumas questões que queremos investigar neste artigo. Como essas duas mudanças estão encaixadas na amostra catarinense ao longo do tempo? Quais as condições linguísticas necessárias que uma mudança cria para que outras mudanças se efetivem? Quais os contextos de restrição das mudanças?

Para responder essas questões, pretendemos verificar, em três amostras de cartas pessoais catarinenses escritas no curso dos séculos XIX e XX, pertencentes ao projeto *Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina* (PHPB-SC), qual a correlação entre os fenômenos ordem do sujeito e preenchimento do objeto direto anafórico, em contextos de terceira pessoa. Os exemplos de (1) a (6) ilustram alguns casos encontrados nas amostras.

- (1) [...] *continúas a ser meu maior amigo, o mais altamente sincero e dedicado; porque vive junto de mim, habitando o mesmo castello de esperanças, A DOCE ELEITA DOS MEUS SONHOS, achada entre as mais procuradas.* (Amostra CS).
- (2) *Na batalha da vida, batalha essa contra horríveis desenganos, tem sido ELLA a minha unica espada de aço, forte como o tempo.* (Amostra CS).
- (3) *CELESTE foi para um hotel de repouso por 10 dias. Precisava descansar, ficar só, etc.* (Amostra HL).

- (4) *Assim que recebi sua carta, tentei comunicar-me com Jorge Amado, através de seu irmão James. **JORGE** está na Alemanha mas chegará em Paris quinta ou sexta-feira, dias 16 e 17 deste, Hotel de L'Abbaye. Telefonei para Ceres pedindo que o procure e também escrevi a ele. Estou postando a carta para ele também hoje.* (Amostra HL).
- (5) *Não podes imaginar a alegria que me **causou O RECEBIMENTO DO TEU BILHETE**.* (Amostra VL).
- (6) *Estranho achei ao receber tua cartinha porque como havia te dito eu não esperava que me escrevesse. Enfim cumpreste com o que prometeste. No momento em que a recebi fiquei satisfeítíssima mas quando abri o e comecei a lê-la fiquei muito triste porque notei que o que me dedicas não é amor mas apenas amizade.* (Amostra VL).

Nota-se nesses exemplos de terceira pessoa variação entre as ordens SV e VS (cf. exemplos (3) e (4) para SV e exemplos (1), (2) e (5) para VS) e variação entre as formas de realização do objeto anafórico (cf. exemplos (4) e (6) para formas variáveis de clítico e de objeto nulo).

Acreditamos que o português do século XIX ainda manifeste resquícios do sistema do português antigo, com propriedades do grupo românico (como o italiano e o espanhol), com índices produtivos de ordem VS e clítico acusativo. Em meados do século XX, outro sistema se mostra emergente, caracterizando o que vem sendo chamado de gramática do PB: (i) ordem preferencialmente SV em contextos com verbos transitivos, mantendo-se VS restrita a verbos inacusativos; (ii) sistema de clíticos reduzido e de objeto nulo mais produtivo. Esses contextos são condicionados por variáveis semânticas como definitude, especificidade², animacidade e gênero semântico.

A investigação aqui proposta se fundamenta em alguns pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968): (i) a variação é inerente ao sistema linguístico; (ii) a variabilidade estruturada caracteriza, portanto, o uso normal da língua; (iii) a mudança linguística é gradual; (iv) há correlações entre processos de variação/mudança linguística e fatores linguísticos e sociais; (v) métodos quantitativos podem ajudar a explicar a variação e a mudança linguística. Procuramos compreender e explicar processos de variação e mudança em documentos escritos de sincronias passadas, que abrangem diferentes momentos dos séculos XIX e XX.

Para explicar como as mudanças dos fenômenos investigados se adaptam aos sistemas linguísticos em que elas ocorrem, levamos em consideração um dos cinco problemas empíricos da Teoria da Variação e Mudança que devem orientar os trabalhos na área, o problema do encaixamento linguístico. No âmago desse problema, uma mudança encontra guarida dentro de uma matriz composta por outras mudanças, em virtude de sua relação com outras unidades linguísticas. Isso implica dizer que “o processo de mudança nessa perspectiva não é um movimento de um sistema inteiro a outro, mas o movimento de um conjunto limitado de fenômenos variáveis de um sistema que altera gradualmente seus valores de um ponto a outro” (cf. MARTINS et al., 2015, p. 223). Ao observarmos o encaixamento entre as propriedades internas ao sistema linguístico, esperamos encontrar restrições ligadas à inserção de cada uma das mudanças investigadas no sistema linguístico que ela afeta. Nossa expectativa, nesse caso, é de que um sistema linguístico que permita ordem VS transitiva deverá preferir o objeto direto

² Neste trabalho não será investigada a variável definitude e especificidade do SN pelos seguintes motivos: (i) o controle da definitude só poderia ser feito para a ordem do sujeito; o objeto direto anafórico é por natureza [+definido]; (ii) a especificidade é analisada nos trabalhos sobre o sujeito e o objeto a partir de parâmetros distintos, o que prejudicaria a comparabilidade.

preenchido, ao passo que o enrijecimento da ordem SV parece acelerar a implementação do objeto direto nulo. As restrições linguísticas, nesse segundo caso, dizem respeito ao fato de a posição à direita do verbo não estar mais disponível para alojar o argumento externo.

Este artigo está assim organizado. Na primeira seção, apresentamos a caracterização das amostras e do envelope de variação que serão utilizados para a descrição e a análise dos fenômenos sintáticos em investigação. A segunda seção está voltada para a descrição dos resultados estatísticos. A terceira seção é destinada a algumas reflexões sobre a trajetória da mudança na escrita catarinense, seguidas das referências.

1. Caracterização das amostras e do envelope de variação

Para investigarmos se há mudança encaixada, consideramos três amostras de cartas pessoais catarinenses, escritas nos séculos XIX e XX, por missivistas que adquiriram o vernáculo em diferentes épocas. As amostras estão descritas a seguir.

- i. A amostra CS é composta por 35 cartas de amor e amizade escritas por um escritor (CS) à sua noiva GA, pelo pai de CS ao seu filho e pelos amigos escritores VV e AF a CS, durante as décadas de 1880 e 1890. É possível dizer que os três escritores são jovens de 20 a 30 anos, representando falantes que adquiriram a língua em meados do século XIX (período correspondente a 1851-1875). O único missivista mais velho – o pai de CS – deve ter adquirido a língua na primeira metade do século XIX (período correspondente a 1826-1850)³.
- ii. A amostra HL é composta de 42 cartas de amizade escritas por um escritor catarinense HL a sua tradutora e amiga CC, durante as décadas de 1980 e 1990. O escritor escreveu essas cartas durante seus sessenta e setenta anos de vida, o que sinaliza para um falante que adquiriu a língua no início do século XX (período correspondente a 1901-1925).
- iii. A amostra VL reúne 41 cartas de amor e de amizade escritas por quinze moças que nasceram em diferentes localidades de Santa Catarina a um mesmo jovem, Destinatário N, do Vale do Itajaí, durante a década de 1960. Não sabemos qual é a idade dessas missivistas, mas podemos hipotetizar por conta do conteúdo das cartas que, em sua maioria, eram jovens que estavam fazendo ou concluindo o Ensino Médio – com idades entre 15 e 18 anos. Essas jovens adquiriram a língua em meados do século XX (período correspondente a 1951-1975).

Levantamos todas as ocorrências de sujeitos pré-verbais e pós-verbais (sejam eles nominais ou pronominais) e todas as ocorrências de objeto direto anafórico de terceira pessoa na escrita das referidas cartas, no intuito de verificar se a trajetória da mudança da ordem do sujeito, de VS para SV(O) (cf. LIRA, 1986; BERLINCK, 1988, 1989, 1995, 2000; COELHO, 2000, 2006; ZILLES 2000; SPANO 2008, SANTOS 2008; entre outros) acompanhou a mudança nas formas de objeto direto anafórico, de clítico para nulo (cf. OMENA, 1978; DUARTE, 1989; CYRINO, 1993, 1997, 2003; MARAFONI, 2004; COSTA, 2011; VIEIRA-PINTO, 2015; OTHERO; SCHWANKE, 2017; entre outros). Após o levantamento das ocorrências, os dados foram rodados por variável dependente e por amostra, utilizando-se das ferramentas do Excel e do pacote estatístico Goldvarb 2001.

³ Como encontramos menos de dez dados nas cartas escritas pelo pai de CS, nossa amostra do século XIX será identificada como amostra CS (1851-1875), com a indicação da época de nascimento dos missivistas jovens: CS, VV e AF.

Para a análise dos dados, optamos por controlar três variáveis linguísticas: transitividade do verbo, traços de animacidade do SN e gênero semântico do SN⁴. A primeira variável é importante por ter sido selecionada em vários trabalhos sobre ordem do sujeito, indicando que os verbos monoargumentais, especialmente os inacusativos, são contextos ainda favoráveis a VS, enquanto verbos transitivos são contextos inibidores dessa mesma ordem. Essa diferença aponta que o verbo transitivo é um contexto de restrição. O isolamento desse contexto permitirá uma comparação mais refinada com as ocorrências de objeto nulo.

A variável animacidade do referente mostra-se como uma propriedade relevante para vários processos de variação sintática e morfossintática, sendo selecionada por pacotes estatísticos como significativa em estudos diversos que tratam da ordem do sujeito e do preenchimento do objeto direto anafórico. SNs [+animado] aparecem em geral como contextos favorecedores de ordem SV(O) e de clíticos, enquanto SNs [-animado] como contextos favorecedores de ordem VS e de objetos nulos.

A variável gênero semântico⁵ também tem se mostrado atuante nos estudos mais recentes com respeito à definição dos objetos plenos e nulos. Os trabalhos têm apontado que os clíticos e os pronomes tônicos são condicionados por antecedentes marcados para gênero semântico, pois estas são formas anafóricas que especificam gênero: *o(s)*, *a(s)*, *ele(s)*, *ela(s)*, enquanto os objetos nulos são condicionados por antecedentes como *o livro*, *a vítima*, *a pessoa*, por não possuírem especificação para gênero. Para observar a força desses traços semânticos na forma de realização do objeto anafórico, optamos por analisar essa variável. Queremos verificar também se a mesma tendência pode ser atestada em relação à ordem do sujeito, com VS sendo condicionada preferencialmente por SNs que não especificam gênero semântico.

Ainda que haja um número expressivo de estudos sobre esses dois fenômenos no PB, não havia ainda um estudo empírico que buscasse descrevê-los com base em amostras constituídas segundo os mesmos critérios, assegurando a plena comparabilidade dos resultados. É essa a proposta da análise que passamos a apresentar na próxima seção, com base em amostras do PHPB-SC.

2. A descrição dos fenômenos em estudo

Nesta seção, apresentamos a descrição dos dois fenômenos em estudo: ordem do sujeito e preenchimento do objeto direto anafórico. Partindo da delimitação de cada um desses fenômenos, descrevemos os resultados estatísticos a partir do envelope de variação proposto. Essa descrição é importante para que se possa falar em encaixamento da mudança linguística na sintaxe do português catarinense.

2.1. A ordem do sujeito em sentenças declarativas

Embora a língua portuguesa tenha sido considerada uma língua cuja posição do sujeito mais comum seja a ordem SVO, é bem sabido que a ordem VS também seja possível em alguns contextos específicos. Esta seção examina as condições que determinam a variação das ordens

⁴ Diversos trabalhos tratam da animacidade e do gênero semântico como fatores interligados, como mostram Corbett (1991) e Dähl (2000), por exemplo. No entanto, os autores que tomamos como referência para analisar o gênero semântico, Creus e Menuzzi (2004) e Ayres e Othero (2016), propõem que o gênero semântico seja um fator mais importante do que a animacidade no condicionamento do objeto direto anafórico, por esse motivo preferimos controlar esses fatores, em um primeiro momento, isoladamente. Posteriormente, eles são cruzados.

⁵ A classificação da variável gênero semântico, segundo Othero e Schwanke (2017), leva em conta a distinção entre: a) substantivos que denotam seres sexuados, como *homem*, *mulher*, *professor*, *cachorro*; e b) substantivos que denotam seres não sexuados, como *mesa*, *livro*, *vítima*, *cônjuge*, *boneco*, *tartaruga*, etc.

SV/VS em cartas pessoais catarinenses, escritas ao longo dos séculos XIX e XX. Inicialmente, serão retomados alguns resultados dos trabalhos que apontam, com base em amostras de fala e de escrita, para o enrijecimento da ordem SVO. Em seguida, serão apresentados os resultados encontrados nas amostras aqui investigadas com o propósito de caracterizar e explicar as motivações que condicionam a ordem VS em construções declarativas, por período de nascimento dos missivistas. A partir da comparação entre as forças que atuam em cada amostra, fechamos com algumas reflexões sobre a trajetória de mudança da ordem VS para a ordem SV nas amostras investigadas, tentando caracterizar as restrições ligadas a uma das ordens – a ordem VS – no interior do sistema linguístico.

2.1.1. Do presente para o passado

O fenômeno da ordem do sujeito tem sido muito estudado no Brasil sob uma perspectiva formal a partir da década de 1980 (cf. KATO; TARALLO, 1988; TARALLO; KATO, 1989; FIGUEIREDO SILVA, 1996, KATO, 2000, 2002; KATO et al, 2006; COELHO; MARTINS, 2009; BERLINCK et al, 2016; BERLINCK; COELHO, 2018; entre outros). Segundo esses estudos, o português até o século XIX teria mantido um padrão semelhante a outras línguas românicas, como o espanhol e o italiano, com possibilidades relativamente livres de VS. A partir de então, mudanças na gramática do português escrito no Brasil teriam resultado no aumento das restrições à ordem VS hoje encontradas, com alternativas relacionadas basicamente à monoargumentalidade.

Diversos estudos variacionistas têm investigado a variação da ordem do sujeito, mostrando que há uma tendência ao enrijecimento da ordem SVO no português falado e escrito no Brasil (cf. LIRA, 1986; BERLINCK, 1988, 1989, 1995; COELHO, 2000, 2006; ZILLES 2000; SPANO 2008, SANTOS 2008; entre outros). Esses trabalhos revelam uma correspondência entre transitividade verbal e ordem dos constituintes. Do ponto de vista sintático, quanto menos transitivo um verbo é, maior a possibilidade de inversão de seu sujeito; quanto mais transitivo é, menor essa possibilidade. O ponto de maior unanimidade entre esses trabalhos diz respeito à monoargumentalidade, indicada, consensualmente, como um fator favorável à ocorrência de VS, enquanto a pluriargumentalidade como inibidora dessa mesma ordem.

Agregadas a essa restrição sintática e à variabilidade observada na ordem SV/VS, outras restrições de natureza semântica se impõem a essas construções: a restrição de definitude⁶ e a restrição de animacidade. Trabalhos como os de Berlinck (1988,1989) e Coelho (2006) indicam que há associação entre SV e o caráter [+definido], [+específico] e [+animado] do sujeito, por um lado, e entre VS e SN [-definido], [-específico] e [-animado], de outro.

Utilizando uma amostra composta por cartas de cunho pessoal dos séculos XVIII (1751-1768) e XIX (1848-1851), Berlinck (1988, 1989) mostra uma queda acentuada da ordem VS(O) ao longo dos últimos séculos no português escrito no Brasil: de 42% de VS(O) no século XVIII para 31% no século XIX. Nos dados de fala, a autora observou apenas 21% de VS no final do século XX. Essa queda estaria relacionada, segundo a autora, principalmente à transitividade do verbo da construção sintática. É como se a ordem VS tivesse seu espaço de atuação limitado com o passar dos séculos, a ponto de ficar restrita a certos contextos sintáticos. Enquanto nos séculos XVIII e XIX a ordem VS ocorria tanto com verbos transitivos, copulativos, intransitivos existenciais e intransitivos não-existenciais, no final do século XX é em certos contextos específicos que (ainda) se encontram tais possibilidades de inversão.

⁶ Com já argumentamos, neste trabalho não será investigada a variável definitude e especificidade do SN.

A força da transitividade do verbo é também constatada em estudo diacrônico de Coelho (2006) a partir de amostras de peças de teatro escritas por catarinenses nos séculos XIX e XX. A autora observa que (i) no período compreendido entre 1859 a 1881 a ordem VS(O) ficava na faixa de 15%, caindo para 8% no período de 1948 a 1992; e (ii) o processo por que passa a queda de VS se caracteriza por um decréscimo gradual da frequência dessa ordem em contextos transitivos e por um paralelo enrijecimento das construções SVO.

Com base nos resultados desses trabalhos, nossa expectativa é de que as mudanças gramaticais relacionadas à posição do sujeito devem ser observadas notadamente a partir do início do século XX da seguinte maneira: (i) enrijecimento gradativo da ordem SV(O); (ii) estabilidade dos padrões de construção VS inacusativa, especialmente quando o sujeito é marcado com traços negativos para animacidade. A seção a seguir investiga essas tendências em cartas pessoais catarinenses escritas nos séculos XIX e XX, agregando à análise uma investigação sobre a força da variável gênero semântico na ordem VS.

2.1.2. A ordem do sujeito em três amostras do PHPB-SC

Analisando apenas os resultados de terceira pessoa (singular e plural) das três amostras empíricas do PHPB-SC, encontramos 728 ocorrências de sujeitos, sendo 597 de SV (82%) e 131 de VS (18%). Na Tabela 1, trazemos esses resultados distribuídos por amostra e período de nascimento dos missivistas.

Ordem do sujeito por amostra	Amostra CS (1851-1875)		Amostra HL (1901-1925)		Amostra VL (1951-1975)		Total	
	Freq.	PR	Freq.	PR	Freq.	PR	Freq.	PR
SV	97	76%	334	86%	166	79%	597	82%
VS	29	24%	56	14%	46	21%	131	18%
Total de dados	126	100%	390	100%	212	100%	728	100%

Tabela 1: Ocorrências das variantes da ordem do sujeito, segundo o período de nascimento dos missivistas.

Observamos que os percentuais gerais de VS encontrados nas três amostras não apontam significativas diferenças com respeito à variação das ordens SV e VS. A diferença entre essas amostras encontra-se na força de alguns fatores como favorecedores ou inibidores de VS, conforme observamos nos resultados apresentados na Tabela 2, a seguir.

Variáveis independentes	Amostra CS (1851-1875)		Amostra HL (1901-1925)		Amostra VL (1951-1975)	
	Frequência	PR	Frequência	PR	Frequência	PR
Transitividade do verbo						
Intransitivo	0/4 = 0%	---	0/8 = 0%	---	1/8 = 12%	---
Transitivo	7/60 = 11%	0,33	3/129 = 2%	0,32	3/60 = 5%	0,25
Cópula	5/31 = 16%	0,34	14/141 = 9%	0,40	17/79 = 22%	0,50
Inacusativo ⁷	17/29 = 58%	0,88	36/108 = 33%	0,79	23/61 = 37%	0,73
Animacidade do SN						

⁷ Os verbos inacusativos existenciais foram excluídos da rodada multivariada, por terem um número muito reduzido de dados e apresentarem KnockOut com 100% de VS.

[+an.]	9/55 = 16%		7/173 = 4%		5/47 = 10%	
[-an.]	20/70 = 28%		50/217 = 23%		41/163 = 25%	
Gênero semântico						
[+gên. sem.]	7/42 = 16%		4/162 = 2%	0,24	2/20 = 10%	
[-gên. sem.]	22/84 = 26%		53/229 = 23%	0,69	44/192 = 22%	
Rodadas significativas	Input 0,086 Loglikelihood = -35,889 Significance = 0,045		Input 0,045 Loglikelihood = -90,210 Significance = 0,000		Input 0,153 Loglikelihood = -79,281 Significance = 0,001	

Tabela 2: Resultados estatísticos de VS, segundo os grupos de fatores investigados.

O que podemos notar é que, independentemente das amostras, os resultados percentuais e o peso relativo atingidos em cada uma das variáveis, à semelhança do que mostraram estudos anteriores ((. LIRA, 1986; BERLINCK, 1988, 1989, 1995; COELHO, 2000, 2006; ZILLES 2000; SPANO 2008, SANTOS 2008; entre outros) apontam que verbos inacusativos e SN [-animado] são fatores motivadores de VS. Somada a essas restrições sintático-semânticas, está a variável gênero semântico do SN, com o traço [-gênero semântico] atuando como favorecedor de VS.

No caso da variável transitividade do verbo, de modo geral, os resultados do peso relativo expostos na Tabela 2 revelam que nas três amostras verbos inacusativos favorecem a ordem VS, com índices de 0,88, 0,79 e 0,73, respectivamente. Já verbos transitivos vão gradativamente inibindo cada vez mais essa mesma ordem, como os pesos de 0,33, 0,32 e 0,25 revelam.

Quando observamos os fatores em particular, vemos que os índices de VS com verbo transitivo não só revelam o não favorecimento de VS, mas apontam para mudança em curso de um século a outro: de 11%, na amostra CS, para 2% e 5%, nas amostras HL e VL, respectivamente. Tudo indica que VS transitiva seja uma construção produtiva na amostra CS, escrita por missivistas nascidos no século XIX (cf. exemplos (7) e (8)), enquanto nas amostras HL e VL, de missivistas que nasceram no século XX, esse contexto seja típico de construções cristalizadas com verbos *dicendi* (cf. exemplos (9) e (10)).

- (7) [...] logo que eu aqui cheguei, fez **BELLARMINO** questão da minha pessoa para ir dirigir o Mercantil, cuja redacção tencionava então deixar ficando só com a propriedade. (Amostra CS)
- (8) A noite passada gastei-a toda ao lado dellas, sobretudo d'ella, contando-lhe os saltos, as saudades, os/ desesperos e angustias que d'alli por diante **ia ter O MEU CORAÇÃO** [...]. (Amostra CS)
- (9) Em carta, **diz ELE** que será publicado em fins de junho na revista "L'âne" que não conheço. (Amostra HL)
- (10) Como nos **diz UM GRANDE PSICÓLOGO**: - "Se nós não valemos muitas vezes pela opinião que fazem de nós; valemos sempre pela opinião de nossa própria consciência!" (Amostra VL)

Diferentemente do que acontece com VS transitiva, a inacusatividade da construção parece ser a única opção disponível para VS nas amostras HL e VL. Os exemplos em (11) e (12) ilustram essa produtividade.

- (11) *Ele escreveu e telefonou que **apareceram COMPROMISSOS DE NEGÓCIOS** e a viagem ficou para começo de junho, quando devo ir à França, se tudo der certo.* (Amostra HL)
- (12) *Ficarão **GRANDES RECORDAÇÕES SUAS E DE SEUS COLEGAS** que jamais se apagaram.* (Amostra VL)

De acordo com os resultados estatísticos da variável transitividade do verbo, expostos na Tabela 2, podemos dizer que: (i) do século XIX para o século XX, os verbos transitivos se caracterizam como um contexto de mudança de ordem variável (SV/VS) para ordem fixa (SVO), não sendo a ordem VS transitiva mais uma opção disponível nas amostras do século XX; (ii) o verbo inacusativo se caracteriza como um dos únicos contextos condicionadores de VS, ao longo do tempo. Esse resultado deve estar atrelado ao tipo de argumento selecionado por esses verbos inacusativos, um argumento interno, marcado como [-ativo] e [+tema].

Com respeito aos traços semânticos do SN, relacionados à animacidade e ao gênero semântico, os resultados apontam que VS aparece preferencialmente em contextos em que o SN é [-animado] e [-gênero semântico], com índices superiores a 20% nas três amostras.

Dois observações sobre a correlação entre VS e animacidade podem ser levantadas desses resultados: (i) nos dois séculos, confirma-se a tendência já atestada na literatura a SNs [-animado] favorecerem VS; (ii) os índices de frequência indicam que contextos com SNs [+animado] estariam associados à queda de VS de um século a outro (de 16% para 4% e 10%). Vale ressaltar, entretanto, como já constatou Berlinck (1989, p. 104), que “a animacidade é um dos traços especificado pela grade temática do verbo; logo, sua relevância não é própria, mas derivada dessa relação”.

Com respeito à variável gênero semântico, os percentuais indicam uma correlação forte entre SV e [+gênero semântico] e VS e [-gênero semântico] nas três amostras. Na amostra HL, essa diferença é de todas a mais reveladora, indicando algumas tendências nos resultados alcançados para peso relativo: o peso de 0,24 para o fator [+gênero semântico] aponta para o não favorecimento de VS, enquanto o peso de 0,69 para o fator [-gênero semântico] mostra uma tendência a seu favorecimento.

Observando um cruzamento entre essas duas últimas variáveis semânticas, conseguimos entender melhor a força de um fator sobre o outro.

Cruzamento entre animacidade e gênero semântico do sujeito	Amostra CS (1851-1875)	Amostra HL (1901-1925)	Amostra VL (1951-1975)
[+an] e [+gên. sem.]	7/39 = 18%	4/156 = 3%	1/19 = 5%
[+an] e [-gên. sem.]	2/16 = 12%	3/17 = 18%	4/2 = 14%
[-an] e [-gên. sem.]	20/67 = 30%	50/211 = 24%	40/162 = 25%

Tabela 3: Índices de VS, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade e gênero semântico do SN.

É, portanto, na combinação dos traços semânticos de [-animado] e [-gênero semântico] que se encontram os maiores índices de VS nas três amostras investigadas, índices superiores aos encontrados isoladamente na Tabela 2 para SN [-animado] e para SN [-gênero semântico].

A partir dos resultados aqui apresentados é possível dizer que, nas amostras do século XX, do ponto de vista da variável transitividade do verbo, a ordem SV(O) é enrijecida em contextos com verbos transitivos, sendo VS restrita a contextos de inacusatividade. Além dessa restrição, as variáveis semânticas também atuam na definição da ordem, mostrando que SNs marcados com traços [-animado] e [-gênero semântico] são contextos favorecedores de VS.

Podemos dizer, portanto, que VS é sensível à transitividade do verbo e ao traço semântico do SN sujeito.

2.2. O objeto direto anafórico

São diversos os trabalhos que descreveram a variação do objeto direto anafórico no português falado ou escrito, brasileiro ou europeu. Análises da fala do PB atual, como os estudos de Omena (1978), Duarte (1986; 1989), Luíze (1997), Marafoni (2004), Vieira-Pinto (2015), Vieira-Pinto e Coelho, entre outros, apontam para uma grande ocorrência de objeto nulo; enquanto análises diacrônicas da escrita do PB, como as de Cyrino (1997), Costa (2011), Marques de Sousa (2017), nos revelam uma maior preferência pelo pronome clítico até o século XVIII e sua queda a partir do século XIX.

Nesta seção, faremos uma análise da variação do objeto direto anafórico, iniciando com uma breve descrição de alguns estudos anteriores que analisaram esse fenômeno em amostras sincrônicas e diacrônicas do PB. Em seguida, apresentamos uma descrição dos resultados estatísticos encontrados nas amostras de cartas pessoais de Florianópolis e região, oriundas do Projeto PHPB-SC, com o propósito de compreender melhor o percurso de mudança das formas de realização do objeto direto anafórico.

2.2.1. Do presente para o passado

Para compreender melhor as formas de realização do objeto direto anafórico, trazemos a seguir alguns resultados de trabalhos que investigaram esse fenômeno em amostras de fala e de escrita do PB, partindo, portanto, do presente para chegar ao passado.

Estudos sociolinguísticos que analisaram a fala do PB nos dias de hoje atestam, em diversos lugares do Brasil, uma mesma tendência relacionada à variação do objeto direto anafórico. Amostras de fala de pessoas não escolarizadas, como no estudo pioneiro de Omena (1978), nos revelam a não ocorrência do pronome clítico anafórico de terceira pessoa, e a competição entre duas variantes do objeto direto: o objeto nulo, com percentual em 76%, e o pronome reto em 24%. Outras amostras, com indivíduos mais e menos escolarizados, também atestaram um baixíssimo número de pronome clítico – 0,7% na fala do Rio de Janeiro (cf. MARAFONI, 2004); 0,1% em Florianópolis (cf. VIEIRA-PINTO, 2015) e 4,9% em São Paulo (cf. DUARTE, 1986) –, reforçando a quase extinção dos clíticos de 3ª pessoa no PB. Em relação ao objeto nulo, essas amostras apontam percentuais altos, entre 46,5% e 67,2%. Outra variante em jogo controlada pelas mesmas autoras é o SN anafórico, que tem seus percentuais entre 17,1% e 50,7%.

Os estudos em tempo real de longa duração sobre a realização do objeto direto anafórico na língua escrita do PB trazem o percurso desta variável, que passou de mais preenchida para nula, com o passar dos séculos. Cyrino (1997), por exemplo, estudou o PB dos séculos XVI ao XX e atestou que, no século XVI, o percentual de objeto preenchido, que era de 89,3%, caiu para 20,9% no século XX. Enquanto isso, a ocorrência de objeto nulo foi crescendo no decorrer dos tempos: o percentual que era de 10,7% no século XVI passou a 79,1% no século XX. Costa (2011), analisando peças teatrais florianopolitanas, registrou o aumento do objeto nulo no início do século XX: o objeto nulo teve 0,33 de peso relativo no século XIX e 0,77 no século XX. Também estudando peças teatrais, Marques de Sousa (2017) verificou uma queda brusca do pronome clítico, sendo compensada por um grande aumento do objeto nulo na escrita do Rio de Janeiro. Na primeira sincronia analisada pelo autor, ano de 1845, os percentuais eram de

76% de pronome clítico e 9% de objeto nulo; na última sincronia, ano de 1992, os percentuais se inverteram, com 70% de objeto nulo e 2% de pronome clítico.

Alguns condicionadores linguísticos da variação do objeto direto anafórico foram recorrentes nos estudos mencionados. A animacidade do referente é um deles. Muitos estudos revelam que os referentes [-animado] condicionam o uso de objeto direto anafórico nulo, enquanto os referentes [+animado] desfavorecem fortemente essa variante (cf. OMENA, 1978; DUARTE, 1986; 1989; LUÍZE, 1997; MARAFONI, 2004; COSTA, 2011; VIEIRA-PINTO, 2015; MARQUES DE SOUSA, 2017).

Cyrino (1997) atestou o condicionamento da variável animacidade para o uso de objeto nulo, combinada com o traço de especificidade do referente em estudo diacrônico. O objeto nulo com antecedente SN [+específico] começou a se destacar no século XIX e esse aumento se deu apenas em contextos de objeto nulo com antecedente [-animado] (frequências de 49,3% no século XIX e 86,5% no século XX). O objeto nulo com antecedente SN [-específico] e [-animado] teve seu aumento somente no século XX, saindo de 8,3% no século XIX e chegando a 93,1% no século XX. Essa variável está relacionada à hierarquia da referencialidade postulada por Cyrino, Duarte e Kato (2000), em que as autoras percebem a tendência ao preenchimento do sujeito, ou do objeto, quanto mais referenciais eles forem. Ou seja, estão no ponto mais alto da hierarquia a primeira e a segunda pessoas do discurso, que possuem sempre traço [+humano]; e, no ponto mais baixo da hierarquia, os não argumentos (como o sujeito expletivo) e as proposições. Em um ponto mediano da hierarquia, está a terceira pessoa do discurso com a combinação dos traços [+/-humano] e [+/-específico]. Com relação ao preenchimento do objeto, a tendência é que referentes com traços [-animado] e [-específico] influenciem o uso de objeto nulo. Em contrapartida, referentes com traços [+animado] e [+específico] condicionam o preenchimento do objeto, principalmente pelo pronome clítico.

Todavia, Creus e Menuzzi (2004) perceberam que, se o traço [+animado] do antecedente estiver combinado ao traço [-específico], o uso das variantes é variável e é condicionado pelo gênero semântico do referente. Seus resultados confirmaram isso: referentes [+animado], [-específico] e [+gênero semântico] ocorreram com pronome pleno (71%, contra 29% de objeto nulo); já os referentes [+animado], [-específico], [-gênero semântico] ocorreram com objeto nulo (64,9%, contra 35,2% de pronome pleno).

Com base nos resultados desses trabalhos, nossa expectativa é de que as mudanças gramaticais relacionadas ao objeto direto anafórico devem ser observadas a partir do início do século XX da seguinte maneira: (i) queda do clítico; (ii) crescimento do objeto nulo de SN, especialmente quando o referente do anafórico é marcado com traços negativos para animacidade e para gênero semântico. A seção a seguir investiga essas tendências em cartas pessoais catarinenses escritas nos séculos XIX e XX.

2.2.2. O objeto direto anafórico em três amostras do Projeto PHPB-SC

Partimos agora para a descrição e análise de nossos resultados em relação ao preenchimento do objeto direto anafórico, com referente de SN de 3ª pessoa, nas três amostras de cartas florianopolitanas selecionadas para este estudo.

Foram coletados ao todo 353 dados de objeto direto anafórico, em que 156 (44,2%) eram pronomes clíticos, 104 (29,5%) eram SN anafórico e 93 (26,3%) eram objeto nulo. Na tabela a seguir, trazemos esses resultados distribuídos por amostra e período de nascimento dos missivistas.

Objeto direto anafórico por amostra	Amostra CS (1851-1875)		Amostra HL (1901-1925)		Amostra VL (1951-1975)		Total	
	Freqüência	PR	Freqüência	PR	Freqüência	PR	Freqüência	PR
Pronome clítico	70	61%	57	38%	29	33%	156	44%
SN anafórico	20	17%	54	36%	30	34%	104	30%
Objeto nulo	25	22%	39	26%	29	33%	93	26%
Total	115	100%	150	100%	88	100%	353	100%

Tabela 4: Ocorrências das variantes do objeto direto anafórico, segundo o período de nascimento dos missivistas.

Nossos resultados corroboram estudos anteriores (cf. CYRINO, 1997; COSTA, 2011; MARQUES DE SOUSA, 2017) ao verificarmos um aumento do objeto nulo no decorrer do tempo – de 22% na amostra CS, para 26% na amostra HL e 33% na amostra VL –, enquanto o objeto preenchido de pronome clítico vai diminuindo suas frequências – de 61% na primeira amostra, para 38% na segunda e 33% na última amostra. Era de se esperar um aumento do SN anafórico no início do século XX, considerando a queda do clítico: seu percentual passou de 17% na amostra CS, para 36% na amostra HL e 34% na amostra VL.

Apresentamos os resultados de nossas variáveis independentes relacionadas às ocorrências de objeto nulo (*versus* objeto preenchido) em uma única tabela a seguir.

Variáveis independentes	Amostra CS (1851-1875)		Amostra HL (1901-1925)		Amostra VL (1951-1975)	
	Freqüência	PR	Freqüência	PR	Freqüência	PR
Transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo						
Verbo de 1 complemento	14/66 = 21%		28/107 = 26%		13/50 = 26%	
Verbo de 2 complementos (o 2º sendo um objeto indireto)	10/34 = 29%		9/27 = 33%		16/34 = 47%	
Verbo de 2 complementos (o 2º sendo um complemento circunstancial)	0/9 = 0%		2/8 = 25%		0/1 = 0%	
Estruturas complexas	1/6 = 17%		0/8 = 0%		0/3 = 0%	
Animacidade do referente						
[+an.]	4/35 = 11%		1/27 = 4%	0,10	0/5 = 0%	
[-an.]	21/80 = 27%		38/123 = 31%	0,61	29/83 = 35%	
Gênero semântico do referente						
[+gên. sem.]	4/34 = 12%		1/26 = 4%		0/3 = 0%	
[-gên. sem.]	21/81 = 26%		38/124 = 31%		29/85 = 34%	
Rodadas significativas			Input 0,218			
			Loglikelihood = -			
			78,396			
			Significance = 0,050			

Tabela 5: Resultados estatísticos de objeto nulo, segundo os grupos de fatores investigados.

Sobre a transitividade verbal e estrutura projetada pelo verbo, nossos resultados seguem outros estudos (cf. DUARTE, 1986; 1989; MARAFONI, 2004; VIEIRA-PINTO 2015; MARQUES DE SOUSA, 2017), levando em conta que os objetos nulos foram mais frequentes com verbos de um ou dois complementos (exemplos (13) e (14), respectivamente) e menos frequentes em estruturas complexas (exemplo (15)). Os percentuais de objeto nulo foram de 21%, 26% e 26% nas estruturas de um complemento; 29%, 33% e 47% nas estruturas de dois complementos; e 17% (equivalente a apenas um dado), 0% e 0% nas estruturas complexas.

- (13) *Pela mesma ocasião, apareceu-me uma infecção **no dedo mínimo do pé direito**, semelhante àquela de Saint- Nazaire mas desta vez tive de operar \emptyset . (Amostra HL)*
- (14) *Com esta são duas cartas que te escrevo, sendo portador **de uma** o filho do Commandante Souza, que me disse ter entregado \emptyset ao Sr Varzea, sem que no entanto tivesse resposta alguma. (Amostra CS)*
- (15) ***Cardoso e Silveira** são bons e considerados os melhores aqui de Santa Catarina. Não os considero importantes em termos de literatura brasileira. (Amostra HL)*

Vale ressaltar ainda que separamos as estruturas simples de dois complementos em dois tipos: aquelas em que o segundo complemento é um complemento circunstancial (exemplo (16)) e aquelas em que o segundo complemento é um objeto indireto (conforme exemplo (14), já mencionado). Em estudo piloto, percebemos que as duas estruturas não seguem o mesmo comportamento, não podendo, assim, serem agrupadas dentro de um mesmo fator. Na verdade, a primeira parece condicionar o preenchimento do objeto e a segunda condiciona o uso de objeto nulo. Parece ser isso o que apontam os nossos resultados: a estrutura de dois complementos em que o segundo é um complemento circunstancial desfavorece o uso de objeto nulo principalmente nas amostras CS e VL em que os percentuais foram de 0%.

- (16) *Tencionava enviar-te **Gazetas de Notícias** por este correio, mas esqueci-as em casa, e por isso só t'as remettei pelo vapor de 12 do de- corrente. (Amostra CS)*

Em relação à animacidade do referente, nossos resultados seguem o que dizem os estudos anteriores: o referente com traço [-animado] foi mais frequente quando se trata da ocorrência do objeto nulo. Inclusive, sua frequência foi aumentando no decorrer do tempo: 27% na amostra CS, 31% na amostra HL e 35% na amostra VL. O referente com traço [+animado] desfavoreceu fortemente o objeto nulo com frequências em 11%, 4% e 0%. Na amostra HL, essa variável foi selecionada na rodada binomial⁸: os referentes [-animado] foram selecionados como condicionadores do objeto nulo, com 0,61 de peso relativo, contra 0,10 para os referentes [+animado]. Seguem alguns excertos de nossas amostras de objeto nulo, com referente [-animado] (exemplos (17) e (18)); e de pronome clítico com referente [+animado] (exemplo (19)).

⁸ Nas rodadas estatísticas com peso relativo não tivemos variáveis significativas nas amostras CS e VL. Apenas na amostra HL é que chegamos ao resultado de que a variável animacidade do referente é condicionadora do uso de objeto nulo. Os resultados sobre o peso dessa variável estão apresentados na Tabela 5.

- (17) *Só se fala e respira o Plano Collor, do novo presidente, que acabou levando dinheiro de todos, inclusive meu. A promessa é devolver \emptyset em 18 meses...* (Amostra HL)
- (18) *Desculpa me por não ter escrito antes a você por falta de ter esquecido a sua caixa postal na casa que aparava antes. E não avia tempo para buscar \emptyset* (Amostra VL)
- (19) *O portador desta é o nosso bom e querido Bittencourt que vae sortir- se ahi de calçado. Não o largues através desse imenso e ruidoso Rio de Janeiro.* (Amostra CS)

Quanto ao gênero semântico do referente, nossos resultados corroboram os encontrados no trabalho de Creus e Menuzzi (2004), bem como nos de Ayres e Othero (2016), Othero et. al (2016) e Othero e Schwanke (2017), considerando que o traço [-gênero semântico] foi o mais recorrente quando o objeto era nulo: 26% na amostra CS, 31% na amostra HL e 34% na amostra VL (exemplo 20). O traço [+gênero semântico], conforme esperado, desfavorece bastante o uso de objeto nulo, com percentuais de 12% na amostra CS, 4% na amostra HL e 0% na amostra VL (exemplo 21).

- (20) *Querido Destinatário N. Ja La que se passa estes dias depois de minha ultima viagem. De ter aquela bela surpresa de encontrar com você. E ter aquela linda cartinha que você ia mandar me para mim. E você entregou \emptyset -me a mim mesmo com suas proprias queridas maos.* (Amostra VL)
- (21) *Não acredito que Jorge escreva alguma coisa, estando de férias em Paris, mas tentei convencê-lo de como isto é importante para mim.* (Amostra HL)

Para finalizar a discussão sobre o objeto direto anafórico, trazemos o cruzamento entre as variáveis animacidade e gênero semântico, através do qual podemos visualizar melhor a grande influência dos referentes com traços [-animado] e [-gênero semântico] para o objeto nulo, com percentuais em 26% na amostra CS, 31% na amostra HL e 35% na amostra VL.

Cruzamento entre animacidade e gênero semântico do sujeito	Amostra CS (1851-1875)	Amostra HL (1901-1925)	Amostra VL (1951-1975)
[+an] e [+gên. sem.]	4/33 = 12%	1/26 = 4%	0/3 = 0%
[+an] e [-gên. sem.]	0/2 = 0%	0/1 = 0%	0/2 = 0%
[-an] e [-gên. sem.]	21/80 = 26%	38/123 = 31%	29/83 = 35%

Tabela 6: Índices de objeto nulo, segundo o cruzamento entre as variáveis animacidade e gênero semântico do SN.

Os poucos dados com referentes [+animado] e [-gênero semântico] ocorreram todos com objeto preenchido. O preenchimento também foi frequente na maioria dos dados com referentes [+animado] e [+gênero semântico].

A partir dos resultados aqui apresentados observamos uma queda do objeto nulo em contextos de SNs [+animado] e [+gênero semântico], de 12% no século XIX para 0% no século XX, e um crescimento do objeto nulo nos contextos em que o referente tem traços [-animado] e [-gênero semântico], de 26% no século XIX para 35% na última amostra do século XX. Podemos, dizer, portanto, que o objeto nulo é sensível ao traço semântico do SN.

À guisa de conclusão: algumas reflexões sobre a trajetória de mudança

Como disse Duarte (1995), quando se observa um processo de mudança, é natural esperarmos outras mudanças relacionadas a ele *'de uma forma não acidental'*, consequências do seu encaixamento no sistema, conforme o princípio do encaixamento linguístico postulado por Weinreich, Labov e Herzog (1968). Quando observamos os resultados das mudanças por que passam fenômenos como a ordem do sujeito e o preenchimento do objeto anafórico, é possível levantarmos hipóteses explicativas a respeito do percurso de mudança. No caso específico da ordem do sujeito, segundo Tarallo (1993), VS deveria ser bloqueada com verbos transitivos a fim de não permitir a colisão de papéis temáticos atribuídos aos SNs ao redor do verbo. Esse argumento está relacionado ao fato de o objeto atualmente no português não ser superficialmente obrigatório.

Essa hipótese do encaixamento linguístico parece coadunar com os resultados sobre o enrijecimento da ordem SVO e o preenchimento do objeto direto apresentados anteriormente. Ao compararmos o fator verbo transitivo com os resultados sobre as ocorrências de clítico, nas três amostras investigadas, notamos que os índices de clíticos caem na mesma proporção em que se observa a queda de VS transitiva, como os percentuais do Gráfico 1 revelam.

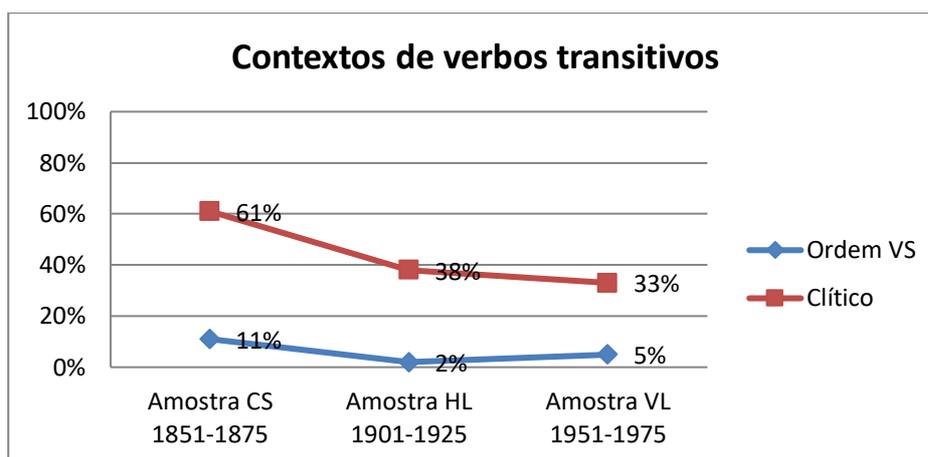


Gráfico 1: Resultados percentuais de VS e de clíticos em contextos com verbos transitivos, nas três amostras investigadas.

Os índices expostos no Gráfico 1 mostram dois movimentos paralelos: no século XIX, a ordem VS transitiva e o objeto direto expresso por clíticos se mostram produtivos, enquanto no século XX a ordem SV se torna rígida e o objeto direto é preferencialmente nulo. Os dois movimentos parecem indicar que um conjunto limitado de fenômenos altera gradualmente seus valores de um ponto a outro, isto é, do século XIX para o século XX. Esses resultados corroboram os apresentados por Berlinck (1989, p. 106). A autora, ao retomar os percentuais sobre o objeto direto anafórico fonologicamente não expresso de Tarallo (1993), mostra que o comportamento da ordem VS com verbos transitivos e do preenchimento do objeto direto com clítico formam um movimento descendente acentuado entre os períodos IV e V, mais precisamente entre a segunda metade do século XIX e o final do século XX (1982). Segundo a autora, o enrijecimento da ordem SVO parece estar relacionado à emergência de objeto nulo no PB, formando o que Tarallo (1993) chama de *cadeia de fenômenos de mudança*.

Observamos agora a atuação combinada das variáveis semânticas animacidade e gênero semântico do SN no condicionamento da ordem VS e do objeto nulo. Os índices expostos no Gráfico 2 mostram a trajetória de mudança desses fenômenos à luz dos fatores investigados.

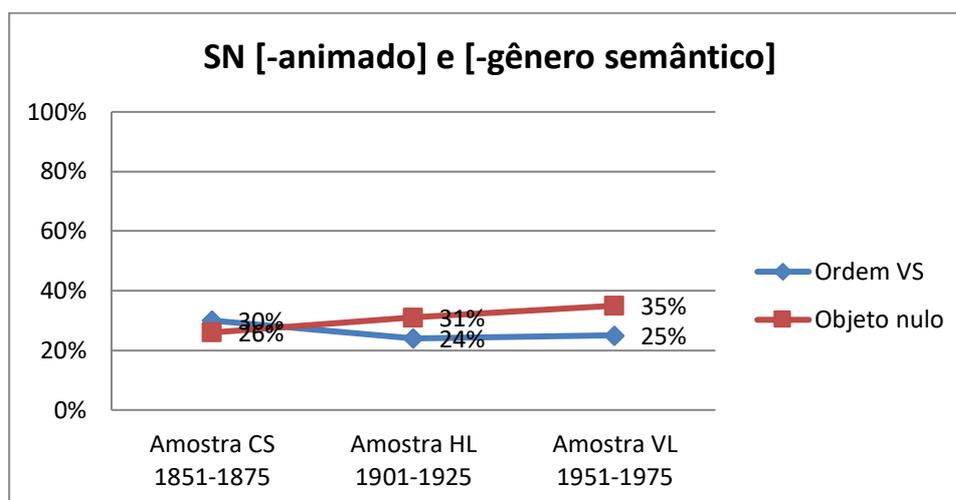


Gráfico 2: Resultados percentuais de VS e de objetos nulos em contextos com SNs [-animado] e [-gênero semântico], nas três amostras investigadas.

Os resultados desses fatores semânticos na identificação dos fenômenos em mudança mostram que VS é sensível aos traços negativos do SN quanto à animacidade e ao gênero semântico. Paralelamente a esses contextos de resistência de VS, as mesmas restrições semânticas atuam como contextos favoráveis à implementação do objeto nulo no PB. SNs marcados com traços [+animado] e [+gênero semântico] são inibidores de VS e de objetos nulos e favorecedores de SV e de objetos preenchidos. A partir dos índices de frequência a respeito das variáveis animacidade e gênero semântico do SN, parece ser possível falar de uma hierarquia de fatores para VS (como contexto de resistência) e para objeto nulo (como contexto inovador) na escrita dos missivistas do século XX. Na medida em que VS é menos frequente, sobem os índices de objeto nulo. Os sintagmas à direita do verbo marcados com traços [-animado] e [-gênero semântico] são preferencialmente casos de objetos nulos.

Para concluir, vamos tentar responder as questões abertas na introdução deste trabalho: (i) como essas duas mudanças estão encaixadas na amostra catarinense ao longo do tempo? (ii) quais as condições linguísticas necessárias que uma mudança cria para que outras mudanças se efetivem? e (iii) quais os contextos de restrição das mudanças?

Com respeito à primeira questão, nossos resultados apontam para o fato de que o português do século XIX ainda manifesta um sistema de VS e de clíticos bastante produtivo. Nas amostras do século XX a ordem VS passa a ser restrita a contextos de inacusatividade e a SNs marcados com traços [-animado] e [-gênero semântico]. O mesmo percurso de mudança pode ser verificado no caso dos clíticos. É no século XX que a mudança parece se implementar. Os clíticos passam a ser cada vez mais restritos e os objetos nulos vão se expandindo especialmente em contextos em que o antecedente é marcado com traços [-animado] e [-gênero semântico].

No que se refere às segunda e terceira questões, os resultados atestam a nossa hipótese, segundo a qual um sistema linguístico que permita ordem VS transitiva deverá preferir o objeto direto preenchido, ao passo que o enrijecimento da ordem SVO parece acelerar a implementação do objeto nulo. Tudo indica que o lugar à direita do verbo neste último caso não está mais disponível ao argumento externo. Essa hipótese se coaduna com as reflexões de Tarallo (1993) de que as mudanças sintáticas estão encadeadas no PB. A ordem VS com verbos transitivos e os clíticos formam um movimento descendente acentuado entre a amostra do século XIX (CS) e as amostras do século XX (HL e VL).

Todos esses resultados combinados permitem dizer que o enrijecimento da ordem SVO em contextos de verbos transitivos é acompanhado de mudança em curso de um sistema de clíticos rico e produtivo para um sistema de objetos nulos, em que a ordem VS para verbos transitivos passa a ser uma opção não disponível no PB. É como se a implementação de objetos nulos encontrasse guarida dentro de uma matriz composta por outras mudanças – de ordem VS para ordem SVO – numa reação em cadeia.

The embedding of syntactic change in personal letters from Santa Catarina: subject order and anaphoric direct object

ABSTRACT: The present text aims at investigating whether the change in subject order is related to the change in the use of overt anaphoric direct object in writings from the state of Santa Catarina (Brazil). We have investigated only third-person contexts found in three personal letter samples, written in the nineteenth and twentieth centuries. This study departs from the notion of linguistic embedding postulated by Weinreich, Labov and Herzog (1968), according to which the syntactic change is related to another change creating, thus, the necessary linguistic conditions for other changes to occur. Our results show that the investigated changes are linked: the crystallization of the SVO order in transitive verb contexts observed through time is followed by a shift from a wealthy and productive system of clitics to a system of null objects.

Key words: Verb-subject order; Clitics; Third person; Personal letters; PHPB-SC.

Referências

AYRES, M. R.; OTHERO, G. A. Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2016.

BERLINCK, R. de A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, Fernando. (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes, 1989, p.95-112.

_____. *La position du sujet en portugais: etude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Tese (Doutorado em Linguística). Paris, 1995.

_____.; COELHO, I. L. A ordem do sujeito em construções declarativas na história do português brasileiro. A sair em História do Português Brasileiro. Vol. 3: Mudança gramatical do português brasileiro, Tomo 3: *Mudança sintática na perspectiva formalista* (no prelo).

BERLINCK, R. de A.; COELHO, I. L.; CYRINO, S.; DUARTE, M. E. L.; MARTINS, M. A. Mudança sintática e a história do português brasileiro nos séculos XIX e XX. In: DE SÁ JÚNIOR, L. A.; MARTINS, M. A. (Org.). *Rumos da linguística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino*. 1ed.São Paulo: Blucher, 2016, v. 1, p. 155-188.

COELHO, I. L. *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: UFSC, 2000.

_____. Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB. In: RAMOS, J. M. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE: Ed. da UFMG, 2006, p.84-99.

_____.; BERLINCK, R. de A. Variação e mudança dos padrões de inversão do sujeito no português escrito em diferentes localidades no Brasil oitocentista. Trabalho apresentado no *II Congresso Internacional de Linguística Histórica*. USP, fevereiro de 2012.

_____.; MARTINS, M. A. A diacronia em construções XV na escrita catarinense. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p.73-90, jan-jun, 2009.

_____.; VIEIRA-PINTO, C. A.; ZIBETTI, E. M. O. ; SILVA, G. M. e. Ordem SV, sujeito expreso e objeto nulo: a trajetória da mudança no português de Santa Catarina. Actas do XVIII Congresso Internacional ALFAL - Projetos. Bogotá: Universidade de Bogotá, 2017.

COSTA, S. *O (não) preenchimento do objeto anafórico na língua portuguesa: análise diacrônica do PB e do PE dos séculos XIX e XX*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

CREUS, S.; MENUZZI, S. M. Sobre o papel do gênero semântico na alternância entre objetos nulos e pronomes plenos em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, p. 149-176, 2004.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

_____. Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. In: *Letras de hoje*, Porto Alegre. v. 38, n. 1, p. 31-47, mar., 2003.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1986.

_____. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas-SP: Pontes, 1989.

_____. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP, Instituto de Estudos da Linguagem, 1995.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro. Frases finitas e infinitivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

GRAVINA, A. P. *Sujeito Nulo e a Ordem VS no Português Brasileiro: um estudo diacrônico-comparativo baseado em corpus*. (Tese de Doutorado) 251 f. Universidade Estadual de Campinas: SP, Campinas, 2014.

KATO, M. A. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Linguístico*, vol. 2, n. 1, p. 97-127, 2000.

_____. The reanalysis of unaccusative constructions as existentials in Brazilian Portuguese. *Revista do GEL*, n. Especial, p. 157-186, 2002.

_____.; TARALLO, F. Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Trabalho apresentado na *Georgetown Round Table in Languages and Linguistics*, 1988.

_____.; DUARTE, M. E. L.; CYRINO, S. M. L.; BERLINCK, R. de A. Português brasileiro no fim do século XIX e na virada do milênio. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V. (Orgs.) *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 413-438.

LIRA, S. de A. Subject postposition in Portuguese. *Revista D.E.L.T.A.*, v. 2, n. 1, p. 17-36, 1986.

LUIZE, T. B. Entre o português europeu e o português brasileiro: o falar açoriano de Florianópolis. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

MARAFONI, R.. L. *A realização do objeto direto anafórico: um estudo em tempo real de curta duração*. Dissertação de Mestrado, UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2004.

MARQUES DE SOUSA, A. A. *As realizações do acusativo anafórico no português europeu e brasileiro: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado, UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, 2017.

NASCIMENTO, M. do. *Sur la Postposition du sujet dans le portugais du Brésil*. Tese de doutorado. Paris, 1984.

NASCIMENTO, S. L. do. Os verbos inacusativos do Português Brasileiro: uma proposta de categorização. *D.E.L.T.A.* 30.2, p. 237-256, 2014.

OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.

OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. *Working Papers em Linguística* v. 17(1), p. 64-85, 2016.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26: 1, 2017.

PILATI, E. *Sobre a ordem verbo sujeito no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Brasília: UNB, 2002.

PILATI, E. *Aspectos sintáticos e semânticos da ordem verbo-sujeito no português*. Tese (Doutorado em Linguística), Brasília: UNB, 2006.

RIBEIRO, I. *A sintaxe da ordem do português arcaico: o efeito V2*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 1995.

RIBEIRO, I. M. de O. Sobre a perda da inversão do sujeito no português brasileiro. In: MATTOS e SILVA, R. V. (Org.) *Para a história do português brasileiro*. Volume II, Tomo I – Primeiros estudos. São Paulo: Humanitas, 2001.

SANTOS, D. de R. *A ordem VS/SV com verbos inacusativos: um estudo diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____.; SOARES DA SILVA, H. A ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos. In: DUARTE, M. E. L. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012, p. 121-142.

SPANO, M. *A ordem verbo-sujeito no português brasileiro e europeu: um estudo sincrônico da escrita padrão*. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. IN: ROBERTS, I; KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP, Ed. da UNICAMP, 1993.

TARALLO, F.; KATO, M. Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-lingüística. *Preedição 5*. Campinas, R. G., 1989.

TORRES MORAIS, M. A. C. R. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil. In: ROBERTS, I; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

VIEIRA-PINTO, C. A. *Variação do objeto anafórico acusativo na fala de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: UFSC, 2015.

VIEIRA-PINTO, C. A.; COELHO, I. L. O objeto direto anafórico de SN: uma análise da fala de Florianópolis em duas sincronias. *ReVEL*, edição especial n. 13, p. 245-263, 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. (tradução brasileira pela Parábola Editorial, de 2006).

ZILLES, A. M. S. A posposição do sujeito ao verbo no português falado no Rio Grande do Sul. *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 35, n. 1, p. 75-96, 2000.

Data de envio: 02/06/2018

Data de aceite: 17/12/201